



1. Este artigo é o resultado de uma pesquisa institucional desenvolvida na Universidade Estadual de Maringá e no meu doutoramento na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Outras publicações associadas a esta pesquisa são: 1) A relação entre a arquitetura e a literatura a partir da crítica, da história e da teoria. In: *Arquiteturarevista*, v. 4, n. 2, p. 8-16 (jul./dez. 2008). 2) *Imago Mundi: a escritura do mundo - as cidades norte-americanas sob o olhar de Jean-Paul Sartre*. In: *Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, n. 7, primeiro semestre de 2008. 3) *O fascínio do Novo Mundo: Ferdinand Céline, Le Corbusier e os arranha-céus de Nova York*. In: *Arquitextos (Prelo)*. 4) *Uma questão de método: o uso de documentos literários no estudo do imaginário urbano*. In: *Seminário Latino-americano Arquitetura e Documentação, 2008, Belo Horizonte. Anais... Além desses, há o artigo anterior a esta pesquisa e que possui um caráter "exploratório": Sartre na América ou memórias de um bourgeois épaté*. In: *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, v. 13, 2006.

2. Arquiteto e urbanista, graduado pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), mestre em Estudos Literários pela Ufes, doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP, professor assistente no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá.

# **HODOS ET TOPOS: O ESPAÇO NO PENSAMENTO DE JEAN-PAUL SARTRE<sup>1</sup>**

HODOS ET TOPOS: *SPACE IN JEAN-PAUL SARTRE'S THOUGHT*

Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima<sup>2</sup>

## **Resumo**

Neste ensaio analisaremos algumas das possibilidades de compreensão de como o espaço foi abordado pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre. Para desenvolver tal tarefa, examinaremos tanto a sua obra filosófica quanto as reportagens que ele escreveu sobre a sociedade e as cidades norte-americanas publicadas em jornais franceses no ano de 1945. O nosso objetivo é demonstrar que o espaço não é um conceito marginal no pensamento de Sartre, e que, a partir da *Gestalt*, psicologia estudada pelo nosso autor, torna-se um tema de insuspeita importância.

**Palavras-chave:** Jean-Paul Sartre; Estados Unidos da América; Espaço.

## **Abstract**

This essay analyzes how space is approached by French philosopher Jean-Paul Sartre, examining both his philosophy and the articles he wrote on North American society and cities, published in French newspapers in 1945. Our goal is to demonstrate that space is not a marginal concept in Sartre's thought, and became a relevant theme with basis on the *Gestalt*, a field he studied.

**Key words:** Jean-Paul Sartre; USA; Space.

Neste artigo levantaremos alguns aspectos do conceito “espaço” na obra de Sartre até 1943 – ano da publicação do seu tratado filosófico mais importante, *O ser e o nada* – e nas narrativas sobre as cidades norte-americanas que ele escreveu após a viagem realizada a esse país em 1945. Acreditamos ser essa questão pertinente porque há toda uma tradição literária e filosófica que coloca em pauta o espaço, e não poucas vezes o espaço urbano. Em relação à literatura, pensemos em escritores que, por assim dizer, “fundaram” cidades: há a Macondo de Gabriel Garcia Márquez, como há a Balbec de Proust. E sobre a filosofia, pensemos nas metáforas espaciais que foram criadas por filósofos; ora, sabemos que, desde os pré-socráticos, passando por Kant e Descartes, até Bachelard, há o espaço filosoficamente pensado dos rios, das casas e das cidades.

Desenvolveremos, neste ensaio, duas hipóteses: a primeira é a importância do espaço na filosofia de Sartre escrita até o ano de 1943. Postulamos que esse conceito não é nem fortuito nem casual no pensamento do filósofo francês, e, como veremos, o conhecimento que ele possuía da *Gestalt* moldou boa parte das suas reflexões. A segunda hipótese se refere às narrativas de viagem. Defendemos que o espaço no pensamento de Sartre tanto pode ser estudado nos seus escritos filosóficos quanto em textos que mereceriam o epíteto de “escritos de ocasião”, como as já aludidas reportagens publicadas em jornais franceses. Estas últimas podem ser compreendidas desde a rubrica de “narrativas de viagem” ou, ainda, “narrativas viáticas”, na medida mesma em que se colocam nessa tradição literária, com as suas regras próprias e os seus inúmeros *topoi*: a alteridade, o exotismo, o estereótipo etc.

Caberia explicar ao leitor o que são, exatamente, as aludidas “narrativas de viagem.” Desde que o mundo conhecido pelos europeus se tornou mais abrangente, com a conquista de “novos mundos”, e desde que as viagens a destinos longínquos se tornaram mais frequentes, viajantes, marinheiros, soldados, missionários e comerciantes passaram a relatar ao seu público leitor o que encontravam e viam nesses lugares desconhecidos. Criou-se, então, toda uma tradição literária de “narrativas de viagem.” E um dos temas mais frequentes nessa literatura é, justamente, a descrição da arquitetura e das cidades desses “destinos exóticos.”

Ora, nos séculos XIX e XX havia um país que, entre outros, despertava vívida curiosidade entre os europeus, e esse país era os Estados Unidos da América, o território dos grandes mitos: as enormes distâncias, o progresso, a civilização da máquina etc. Tocqueville, Chateaubriand, Duhamel, Céline, como tantos outros, “fizeram a sua América” – mas o escritor cuja obra nos interessa, Sartre, também “fez a sua América.” Assim, estudaremos a sua obra filosófica – que como sabemos, era extensa – e, como recorte epistemológico, estudaremos dois de seus livros nos quais uma concepção do espaço está evidenciada: o **Esboço de uma teoria das emoções** e *O ser e o nada*, com o intuito de apreender e esclarecer a compreensão que Sartre tinha,

nesse período, do espaço. Mas a questão não se encerra aqui, e estudaremos, igualmente, dois textos nos quais as cidades e a arquitetura norte-americana são descritas, “New York, cidade colonial” e “Cidades da América”. E, dito brevemente, esse será o *corpus* deste artigo. Para justificar tais fronteiras, devemos dizer que toda pesquisa exige um recorte e, sob esse aspecto, a escritura é tão exigente quanto a pesquisa, posto que, como sabemos, não é possível escrever sem limites.

O método empregado neste artigo é o cotejamento dessas narrativas de viagem com os textos filosóficos de Sartre; acreditamos que esse procedimento será extremamente instrutivo e esperamos que a partir disso se torne clara parte das concepções de Sartre sobre o espaço e o lugar. À tarefa, então.

## **Os alemães de Sartre: saem de cena Husserl e Heidegger, entram Köhler, Wertheimer e Kofka**

Sartre, no período por nós estudado, interessava-se muito por psicologia, o que fica evidente em três dos seus livros publicados na época, o *Esboço de uma teoria das emoções*, além de *A imaginação* e *O imaginário*, e a *Psychologie des formes*.<sup>3</sup> Certamente, o tema não o deixava indiferente. O nosso intuito aqui é demonstrar que a influência do pensamento alemão na sua filosofia não se restringia a Husserl e Heidegger – tema, aliás, já bastante estudado – mas incluía os criadores da *Gestalt*, os psicólogos alemães Köhler, Wertheimer e Kofka. Mas o desenvolvimento dessa hipótese, neste texto, não é nem fortuito nem casual, uma vez que nos permitirá relacionar a sua filosofia com os textos viáticos que ele escreveu sobre o espaço norte-americano.

No livro *Esboço de uma teoria das emoções*, publicado pela primeira vez em 1939, o interesse de Sartre pela *Gestalt* fica evidente, e a citação deste trecho é esclarecedora: “Não é a ele [Janet] que pediremos para expor essa teoria pura da emoção-conduta. Encontramo-la esboçada nos discípulos de Köhler e, especialmente, em Lewin e Dembo” (SARTRE, 2007, p. 40). Ora, é a explícita menção a um dos fundadores da *Gestalt* e a seus seguidores o que mais nos interessa aqui. E a esse trecho segue-se uma longa citação de P. Guillaume de um livro cujo título é, justamente, *Psychologie des formes*. Mas trata-se de uma abordagem ainda preliminar: em primeiro momento, caber-nos demonstrar como Sartre, que foi acusado por Bernard Henri-Lévy de ler sempre “na diagonal”, se apropriou da *Gestalt* e, simultaneamente, perceber as consequências disso – isto é, a sua tessitura ou a sua arquitetura – nas suas narrativas viáticas norte-americanas.

Há, em *O ser e o nada*, inúmeros trechos nos quais fica patente que o seu, por assim dizer, “pano de fundo”, é a *Gestalt*, e há, ao menos, uma menção direta e clara a essa teoria:

*Assim, ao nos acercarmos progressivamente de uma paisagem que se nos revelava em grandes massas, vemos aparecer objetos que se revelam como tendo sido aí, a título de elementos de uma coleção descontínua de*

3. Psicologia das formas: é essa a maneira pela qual os franceses se referem à *Gestalt*.

*“istos”; assim também das experiências da gestalttheoria, o fundo contínuo, ao ser apresentado como forma, se estilhaça. (SARTRE, 1997, p. 246. Itálico do autor, grifo nosso)*

Sartre serve-se dessa metáfora espacial para explicar o processo de “nadificação” (*néantisation* no original), o qual consiste em uma apreensão intuitiva do nada; trata-se da concepção do campo de percepção organizado a partir da estrutura elementar de forma e fundo. Aquilo a que o filósofo francês alude é a impossibilidade da apreensão simultânea da totalidade da estrutura: ou bem se apreende a figura – e o fundo é “nadificado” (*néantisé*) – ou se apreende o fundo – e, nesse caso, é a figura que é “nadificada”. Mas esse não é o exemplo mais “clássico” de Sartre para se referir a esse processo. Como sabemos, o caso mais conhecido nas páginas de **O ser e o nada** é a procura por Pierre em um café:

*Mas é preciso notar que na percepção ocorre sempre a constituição de uma forma sobre um fundo. Nenhum objeto, nenhum grupo de objetos está especificamente designado para organizar-se em fundo e forma: tudo depende da direção da minha atenção. Quando entro nesse bar em busca de Pedro, todos os objetos assumem uma organização sintética de fundo sobre a qual Pedro é dado como ‘devendo aparecer’. E esta organização do bar em fundo é a primeira nadificação. (SARTRE, 1997, p. 50)<sup>4</sup>*

4. Consultamos a edição francesa desse livro (ver Referências), mas, como citamos sempre, neste texto, a versão em português do Brasil, optamos pela boa tradução brasileira de Paulo Perdígão.

Pode-se depreender da leitura dessa citação como o processo descrito como “nadificação” tem uma profunda relação com a *Gestalt* – ora, o trecho inicia-se com uma explicação sobre o processo de percepção que é, certamente, derivada desse ramo da psicologia alemã e, em seguida, define a formação de figura e fundo como um processo que ocorre a partir da atenção. Isso equivale a dizer que qualquer objeto pode se tornar figura ou fundo, consoante a intenção do sujeito que percebe. No entanto, veremos abaixo que, ao escrever sobre a apreensão dos arranha-céus de New York, o nosso autor faz uma clara menção à cultura urbana, que seria mais importante que a intenção e a atenção.

De qualquer sorte, o mais importante para a nossa exposição é a explícita referência de Sartre à *Gestalt*. Mais uma vez, o que se torna mais claro aqui é o conhecimento de Sartre dessa psicologia e a importância do espaço nas suas análises. No entanto, se restringíssemos a nossa exposição a esse fato, deveríamos reconhecer que esse procedimento seria de pouca validade. Afinal, quantos filósofos já não se serviram de metáforas espaciais nas suas exposições? Dos pré-socráticos a Bachelard, passando por Descartes e Kant, há toda uma tradição filosófica do espaço. Assim, compreendemos que mais importante seria demonstrar que esse fato – referimo-nos, naturalmente, ao uso da metáfora – teve repercussões posteriores em seu pensamento. Foi nesse sentido que, na citação acima, grifamos a expressão “em grandes massas”, e fizemo-lo porque esta pode ser encontrada em outro texto de Sartre:

*Nos primeiros dias, eu estava perdido. Eu não tinha os olhos preparados para os arranha-céus e eles não me espantavam: eles pareciam – mais do que construções*

*humanas habitadas por homens – com estas partes mortas da paisagem urbana, rochedos, colinas, que se encontram nestas cidades construídas sobre um solo tortuoso e que se contorna sem sequer prestar atenção. Ao mesmo tempo, os meus olhos procuravam perpetuamente alguma coisa que os detivesse um instante e eu não encontrava nunca: um detalhe, uma praça ou talvez um monumento. Eu não sabia ainda que era preciso olhar as ruas e as casas daqui por massas. (SARTRE, 2002, p. 15)<sup>5</sup>*

5. Tradução nossa do francês para o português. No original lê-se: "Les premiers jours, j'étais perdu. Je n'avait pas l'oeil fait pour les gratte-ciel e ils ne m'étonnaient pas: ils apparaissaient – plutôt que comme des constructions humaines habitées par des hommes – comme ces parties mortes du paysage urbain, rochers, collines, qu'on rencontre dans les villes bâties sur un sol tourmenté et que l'on contourne sans même y prêter attention. En même temps, mes yeux cherchaient perpétuellement quelque chose qui les retint un instant et que je ne trouvais jamais: un détail, une place peut-être ou un monument. Je ne savais pas encore qu'il faut regarder les maisons et les rues d'ici par masses".

Trata-se do parágrafo introdutório do texto "Cidades da América", que narra a experiência urbana de Sartre com os já célebres arranha-céus do bairro nova-iorquino de Manhattan. A última frase salienta como Sartre pôde perceber as cidades norte-americanas: uma paisagem de fundo sem nada que, em distância nenhuma, pudesse ser visualmente apreendido como figura – não seria então, uma simples questão de atenção ou intenção, mas de cultura urbana. Assim como naquela paisagem já não havia Pierre, não havia figuras que estilhaçariam o fundo; nada havia a ser, portanto, "nadificado", uma vez que o nada já estaria ali, profundamente enraizado. O que o filósofo francês comenta aos seus leitores é a quase impossibilidade de organizar estruturalmente as formas que tinha diante de si, como se fora um *puzzle* impossível de ser montado. Ou, ainda, poderíamos imaginar uma experiência da *Gestalt* na qual seria exibida a um europeu a imagem de uma cidade norte-americana e lhe seria perguntado se conseguiria reconhecer um monumento, uma praça ou um detalhe urbano qualquer. Sartre, como vimos, reconheceu à *peine* e apenas depois de algum tempo e, ao que parece, com muito esforço...

É claro, contudo, que não se trata de avaliar se o filósofo francês contemplava realmente dessa maneira as cidades norte-americanas, uma vez que não há nada de natural na literatura como nas outras artes: arte é artifício e representação. Portanto, trata-se tão-somente, nesse caso, de salientar que, quando Sartre quis comunicar ao seu leitor francês o encontro com os famosos arranha-céus de Manhattan, serviu-se de um conceito da *Gestalt* que já lhe tinha sido útil por ocasião da redação de **O ser e o nada**. Mas que não sejamos acusados de aplicar uma teoria a um texto, isto é, de ter aplicado a *Gestalt* às narrativas viáticas de Sartre; o nosso método, bem distinto desse processo, consiste justamente em abordar os textos a partir das suas especificidades.

6. Tradução nossa do francês para o português. No original lê-se: "A New-York, ou les grands axes sont des avenues parallèles, je n'ai pas pu sauf dans le bas-Broadway découvrir des quartiers; seulement des atmosphères, masses gazeuses étirées longitudinalement et dont rien ne marque ni le commencement ni la fin".

Há, ainda, uma outra experiência narrada a partir da experiência do "fundo contínuo," e emerge, mais uma vez, o uso do termo "massa" para se referir a tal experiência: "Em Nova York, onde os grandes eixos são avenidas paralelas, eu não pude, a não ser na parte baixa da Broadway, descobrir bairros; somente atmosferas, massas gasosas estiradas longitudinalmente nas quais nada marca o começo ou o fim" (SARTRE, 2002, p. 35).<sup>6</sup> Já escrevemos acerca da impressão de Sartre sobre as ruas e avenidas norte-americanas,<sup>7</sup> e, nesse trecho, ao se referir aos bairros de Nova York, ele afirma uma radical impossibilidade de conhecimento: onde começaria e terminaria essa "massa gasosa"; esse tênue nada que é, paradoxalmente, tão presente e tão concreto? Devemos inscrever, porém, uma sutileza nessas afirmações:

7. Ver a esse respeito: Imago Mundi: a escritura do mundo - as cidades norte-americanas sob o olhar de Jean-Paul Sartre. In: **Risco**, Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, n. 7, primeiro semestre de 2008.

quando o nosso autor serviu-se pela primeira vez das tais “massas”; referia-se diretamente a um processo visual e a uma experiência de iniciação: “ver em massas” e, ao mesmo tempo, referia-se a um conjunto de construções, as quais não possuem necessariamente um efeito de conjunto ou uma ligação qualquer. Já no trecho citado acima, o nosso autor alude tanto a um conjunto de construções quanto a um conceito ligado ao urbano e responsável, justamente, por subsumir este último conjunto, o de bairro (*quartier*). O que ele teria aprendido, isto é, ver como massa indiferenciada a paisagem urbana, não foi muito útil no reconhecimento dos bairros. Se Montmartre e Montparnasse, por exemplo, eram facilmente reconhecidos por Sartre, não o eram os diversos bairros nova-iorquinos: mas nesse caso, como quase em todo o restante da narrativa, o que está em questão é a própria experiência do estrangeiro que se espanta e se maravilha com o que vê. Mas ele, que afirmou – ou quase – se contentar em ver apenas o fundo indiferenciado daquela paisagem urbana, já se sentia capaz de estilizar o fundo: “Cada avenida envolve as ruas vizinhas com a sua própria atmosfera, porém, um *block* mais distante você mergulha subitamente em um outro mundo” (SARTRE, 2002, p. 36).<sup>8</sup> Mas, nesse caso, ainda estamos no âmbito da organização do campo sensorial de “figura e fundo” tão caro aos psicólogos da *Gestalt* e, ao que parece, a Sartre. Mas devemos ainda matizar a questão: o nosso autor referia-se, inicialmente, a uma experiência visual com a paisagem, e depois a uma experiência com um “bairro”, o que possui implicações mais vastas.

8. Tradução nossa do francês para o português. No original lê-se: “Chaque avenue enveloppe les rues voisines dans sa propre atmosphère, mais un block plus loin, vous plongez soudain dans un autre monde”

9. (...) parece que a filosofia não viaja”  
Tradução nossa do francês para o português. No original lê-se: “(...) il semble que la philosophie ne voyage point” (ROUSSEAU, 2006, p. 67).

A partir dessas considerações, já podemos contrariar a fórmula de Rousseau<sup>9</sup> e afirmar que, ao menos nesse caso, a filosofia viajou... E não foram apenas Husserl e Heidegger que viajaram na bagagem filosófica de Sartre, mas, igualmente, Wertheimer, Köhler e Kofka, os fundadores da *Gestalt*...

É pensando essa questão que poderemos compreender mais claramente a menção do filósofo francês à velocidade, isto é, às diferentes possibilidades de apreensão da paisagem urbana de acordo com o tipo de deslocamento adotado:

*A velocidade organiza os conjuntos a seu gosto; tal objeto faz parte ou não de um grupo particular conforme eu tome ou não essa ou aquela velocidade (pensemos, por exemplo, na Provence vista “a pé,” “de carro,” “de trem,” “de bicicleta”); oferece tantas feições diferentes, conforme a cidade de Béziers fique ou não a uma hora, uma manhã ou dois dias de distância de Narbonne, ou seja, conforme Narbonne se isole e se coloque por si mesmo em relação aos seus arredores ou se constitua em grupo coerente com Béziers e Sete, por exemplo; neste último caso, a relação de Narbonne com o mar é diretamente acessível à intuição; no outro, essa relação é negada e só pode ser objeto de um conceito puro). (SARTRE, 1997, p. 713)*

Trata-se de um trecho do capítulo final de **O ser e o nada**, no qual Sartre, escrevendo sobre o “ter e o fazer”, analisa as possibilidades de percepção de uma paisagem a partir de diferentes velocidades adotadas. Isso pode parecer demasiadamente óbvio, mas é necessário observar que o nosso autor referia-se à relação estabelecida entre a duração do deslocamento e os conjuntos

urbanos. Não estaríamos especulando se afirmássemos que as asserções de Sartre aproximam-se das teorias da psicologia da *Gestalt*. Ora, se pensarmos em aglomerações urbanas como objetos da sensibilidade e captáveis, a esse título, pelos órgãos sensoriais humanos – o que de fato e a partir das suas peculiaridades o são –, não deveríamos pensar que estão sempre em relação? Uma cidade não pode ser vista como próxima, distante, em conurbação em relação a outras cidades? O que o filósofo coloca em questão é, justamente, o fato de que a velocidade mecânica alterou sensivelmente relações antes solidamente estabelecidas, isto é, antes que o carro, o trem, e, mais tarde, o avião, inaugurassem uma proximidade antes insuspeita. Em **New York, cidade colonial** a questão da velocidade reaparece:

*New York não se revela senão a certa altura, a certa distância e a certa velocidade: que não são nem a altura, nem a distância e nem a velocidade do pedestre. Esta cidade se assemelha espantosamente às grandes praças da Andaluzia: monótona quando se percorre a pé, maravilhosa e cambiante quando é atravessada de carro.*  
(SARTRE, 2002, p. 40)

Na realidade, Sartre retoma as suas asserções sobre relações espaciais e dessa vez o faz pensando a cidade de Nova York, isto é, não mais pequenas cidades francesas, mas a gigantesca metrópole norte-americana. Ao elegê-la como a cidade que seria mais bem percebida a partir do ponto de vista de um automóvel que de um pedestre, nosso autor certamente colocava o seu pensamento em uma espécie de *grille* cultural europeia: pensar os Estados Unidos como o “país do progresso”, da civilização mecanicista e industrial. Ao mesmo tempo, estabelece-se a questão da (uni)cidade: se nas cidades francesas podem se estabelecer relações a partir de várias velocidades, inclusive a partir da velocidade do pedestre, Nova York, por sua vez, admitiria apenas, como ponto de vista “ótimo”, o automóvel em movimento. Mas isso é perfeitamente compreensível, principalmente se pensarmos que os leitores desse texto eram, justamente, franceses, e que, a esse título, partilhariam esse ponto de vista cultural. Mais uma vez, cria-se uma espécie de pacto entre o escritor e o seu público.

Havíamos aludido, páginas acima, à proximidade dessas análises com a psicologia da *Gestalt*, mais tal alusão ficou apenas como alusão, posto que ainda não o demonstramos com o rigor necessário. Todavia, se pensarmos que a origem da *Gestalt* está nas pesquisas realizadas por Wertheimer com um aparelho chamado de *tachistoscope*, cuja função era a de projetar em uma tela luzes em certo intervalo de tempo, compreenderemos essa questão com mais propriedade (BEHRENS, 1998, p. 299). Trata-se, naturalmente, de uma relação entre tempo e espaço, ou seja, movimento, e, nesse sentido, não é de se espantar que muitas das ideias por ele desenvolvidas tiveram origem nas pesquisas do filósofo austríaco Christian von Ehrenfels, que estudou as melodias como possuidoras de um efeito global e dinâmico (BEHRENS, 1998, p. 299); ou seja, ainda estamos no domínio do movimento. Wolfgang Köhler, companheiro de pesquisas de Wertheimer, em um livro publicado pela primeira vez no ano de 1947, convoca em seu texto inúmeros experimentos conduzidos

por ele e por outros pesquisadores em que o foco recai, justamente, no movimento. Nesse caso, como em muitos outros, o que os psicólogos da *Gestalt* intentavam demonstrar era, precisamente, o fato de que, se percebemos formas de uma determinada maneira e não de outras, é porque o nosso campo do movimento está organizado de uma determinada maneira e não de outras. Dito de outra **forma**, mesmo o movimento tem uma organização precisa. Ele cita a experiência segundo a qual uma pequena lâmpada acesa faz movimentos repetidos com velocidade constante em um aposento escuro. O que observador perceberá são formas agrupadas e que se repetem com constância. E finaliza: “No caso mais generalizado de organização sensorial, tanto o espaço quanto o tempo participam de determinada experiência de agrupamento” (KÖHLER, 1968, p. 90). Não estamos afirmando, contudo, que Sartre “aplicava” essa teoria ao narrar as suas experiências urbanas. O que desejamos comprovar é que, quando o filósofo francês tentou compreender Nova York, o fez pelo caminho da teoria que conhecia, e da qual, em algumas vias, compartilhava.

Quando Sartre narra as construções de Nova York, afirma não estar mais em busca de um detalhe, de um ponto – ou pontos – preciso que estancasse o seu olhar e, finalmente, as define como “volumes, nada além do emolduramento austero do céu” (SARTRE, 2002, p. 39). Ora, ainda que, muito provavelmente, o nosso autor não tivesse a *Gestalt* como um *leitmotiv* e que, a esse título, deveria ser repetido como uma espécie de mantra, não é fato sem importância que, novamente, ele esteja se referindo à teoria de organização do campo sensorial a partir do conjunto “figura e fundo”. Se para um europeu não é possível ver as construções nova-iorquinas a partir dos seus detalhes – e em edifícios neogóticos e neorromânicos os ornamentos, como sabemos, não são poucos –, estas funcionariam, ao menos, como o fundo sobre o qual emergiria uma figura, que seria, nesse caso, o céu: “Nas cidades da Europa, nas quais os telhados são baixos, o céu rasteja pouco acima do solo e parece aprisionado. O céu de Nova York é belo porque os arranha-céus o expulsam para muito longe das nossas cabeças” (SARTRE, 2002, p. 40). O que o filósofo francês explica aos seus leitores franceses é que, mesmo o que “paira” sobre todos, e que é um elemento do mundo físico, o faz de maneira diferente, consoante se esteja em Paris ou Nova York – e não é uma questão de cor ou de temperatura, ou do gradiente de densidade das nuvens, é a paisagem urbana que definirá o céu local. Para Sartre o céu da grande metrópole norte-americana é tão rude como o é a própria cidade: “Solitário e puro como um animal selvagem” (SARTRE, 2002, p. 40).<sup>10</sup> Ora, o leitor já terá percebido que nessa frase ecoam séculos de tradição cultural: o mito do “bom selvagem”, o “bom e puro ameríndio” que os europeus teriam encontrado nas vastidões do Novo Mundo. Se as construções não são imediatamente reconhecíveis, se não passam de uma massa informe que se “nadifica” todo o tempo, é o céu que se torna, por assim dizer, mítico, como uma espécie de divindade aborígine que os europeus teriam descoberto com surpresa no continente americano: “Ele monta a guarda e protege a cidade. E não é somente uma proteção local: sente-se que ele se estende muito longe sobre toda a América: é o céu do mundo inteiro” (SARTRE, 2002, p. 39).<sup>11</sup> De Nova York para os

10. Tradução nossa do francês para o português. No original lê-se: “Solitaire et pure comme une bête sauvage”

11. Tradução nossa do francês para o português. No original lê-se: “Il monte la garde et veille sur la cité. Et ce n’est pas seulement une protection locale: on sent qu’il s’étale au loin sur toute l’Amérique: c’est le ciel du monde entier”

Estados Unidos da América, e desse país para todo o mundo: ora, não se sabe ao certo se Sartre se referia, na sua condição de francês “libertado”, ao céu ou ao exército norte-americano, que na 2ª Guerra Mundial – e durante muito tempo depois – protegeu os europeus contra eles mesmos.

Para Sartre a experiência urbana em Nova York é a própria experiência do espaço. Essa afirmação pode parecer banal, mas devemos ter em mente que o filósofo francês queria explicar ao seu leitor francês uma experiência com o “espaço do outro”, ou o “espaço-outro”, aquelas ruas do bairro de Manhattan, largas, retas e hipodâmicas:

*Estas longas linhas feitas à régua dão, de repente, a sensação do espaço. (...) O espaço atravessa Nova York, a anima, a dilata. O espaço, o grande espaço das estepes e dos pampas, corre nas suas artérias como uma corrente de ar frio, separando os ribeirinhos da esquerda dos ribeirinhos da direita. (SARTRE, 2002, p. 36)<sup>12</sup>*

12. Tradução nossa do francês para o português. No original lê-se: “Ces longues lignes tirées au cordeau m’ont donné soudain la sensation de l’espace. (...) Mais l’espace traverse New-York, l’anime, le dilate. L’espace, le grand espace vide des steppes et des pampas, coule dans ses artères comme un courant d’air froid, séparant les riverains de droit des riverains de gauche.”

O filósofo francês não está se referindo à experiência que se pode ter em uma rua de uma cidade da Europa, ele se refere, precisamente, ao espaço que não é imediatamente reconhecido por um visitante europeu – assim como acolá havíamos presenciado o eco de uma tradição cultural, aqui percebemos certo desejo de explicação por um “viés exótico” – não devemos esquecer que estamos tratando de uma narrativa de viagem, com a sua *grille* previamente traçada e os seus inúmeros *topoi*. E a cidade natal de Sartre, Paris, está muito distante de ser uma cidade na qual haveria resquícios do traçado medieval, e não possuía a paisagem de uma outra cidade europeia preferida por Sartre, Veneza, sulcada por ruas tortuosas e canais estreitos. É nesse sentido que o filósofo “naturaliza” a paisagem urbana norte-americana, comparando-a às estepes e aos pampas; ora, da maneira como Sartre expõe a questão, é impossível não pensar que os retos *bulevares* de Paris teriam uma dimensão diferente das retas ruas nova-iorquinas. Poder-se-ia afirmar, então, que se as ruas tortuosas são tortuosas todas da mesma maneira, as ruas retas, por sua vez, o são cada uma à sua feição. Essa nossa última frase tenta demonstrar que Sartre teria que explicar por que a regularidade do traçado das ruas de Nova York seria diferente da regularidade da Paris *hausmanniana*, e quando ele o faz, recorre a uma analogia, isto é, a uma comparação: América-Nova York-estepes-pampas...

13. Tradução nossa do francês para o português. No original lê-se: “Et soudain apparaît l’espace pure”

14. É significativo observar que o puro espaço, isto é, o espaço abstrato, não tem lugar na filosofia de Sartre, nem sequer, aliás, recebe o pelo menos honroso estatuto de conceito: “(...) – assim como não podemos captar o espaço salvo através dos corpos que nos informam a seu respeito, ainda que o espaço seja uma realidade singular e não um conceito –” (SARTRE, 1997, p. 694).

Para além dos *topoi* da comparação e do exotismo, há um claro desejo, nesse texto, de fazer com que os seus leitores compreendam essa cidade como a encarnação mesma do espaço, como um simples ente geométrico que seria, a esse título, abstrato: “E de repente aparece o espaço puro” (SARTRE, 2002, p. 37).<sup>13</sup> Essa breve frase parece nos afirmar que Nova York não seria certo espaço, como uma extensão que, de alguma maneira, seria compreendida como limitada por fronteiras perfeitamente definidas, e que nem sequer seria um conjunto de espaços, mas que seria o próprio espaço. Ora, se essa nossa interpretação é correta, devemos estendê-la até o limite do paroxismo e da incerteza: já sabemos que o “espaço puro” não tem significado na filosofia de Sartre no período por nós tratado.<sup>14</sup> Teria significação, ao menos, a cidade de Nova York?

Há uma passagem assaz curiosa nesse texto, e que talvez nos seja útil para elucidar essa questão; em um dado momento da sua narrativa, Sartre “humaniza” um triângulo que, de repente, atônito, percebe-se em Nova York:

*Eu imagino que um triângulo, se fosse capaz de possuir consciência da sua posição no espaço, ficaria espantado de constatar o rigor das coordenadas que a definem, mas ao mesmo tempo, de descobrir que ele é, simplesmente, um triângulo qualquer em qualquer lugar. (SARTRE, 2002, p. 37)<sup>15</sup>*

15. Tradução nossa do francês para o português. No original lê-se: “J’imagine qu’un triangle, s’il lui était donné de prendre conscience de sa position dans l’espace, serait effrayé de constater la rigueur des coordonnées qui la définissent, mais, en même temps, de découvrir qu’il est simplement n’importe quel triangle, n’importe où.”

16. A hodologia é um dos conceitos capitais de uma disciplina chamada de “Psicologia Topológica” – e esta, por sua vez, pode ser compreendida como uma derivação da Psicologia da *Gestalt* –, tendo sido elaborada, nos anos 1920-30, pelo psicólogo alemão Kurt Lewin. A expressão “topologia” foi tomada de empréstimo à matemática e postula uma nova compreensão para o espaço, não se tratando mais do espaço euclidiano, que possuiria homogeneidade, isotropia e uniformidade, mas de um espaço psicológico que, a esse título, depende do indivíduo, e no interior do qual ele realiza os seus desejos e as suas necessidades.

Nesse sentido, está-se diante de um conceito que se realiza a partir de termos que têm uma significação tanto material quanto simbólica: caminhos (o “caminho privilegiado” que conduzirá o homem, de maneira mais simples, aos objetos do mundo e cuja posse significará a realização dos desejos e das necessidades) a realizações do mundo e cuja posse significarmos que tistros, pelo psic a ial, a saber, verificar, neste conjunto de textos e obstáculos (os obstáculos que tornam o mundo, segundo Sartre, “difícil”). Os caminhos – e as inevitáveis barreiras – são a própria essência da hodologia: o termo *hodos* pode ser traduzido, justamente, por caminho. A esse respeito ver: Besse, 2004.

17. Tradução nossa do francês para o português. No original lê-se: “Mais cette précision spatiale n’est accompagnée d’aucune précision affective.”

Felizmente para os nova-iorquinos, aos triângulos – nem aos quadrados, aos círculos ou aos trapézios – não foi conferida a capacidade de tomar consciência da sua posição espacial. O exemplo usado – e, reconhecêmo-lo, assaz radical – pelo filósofo francês é uma tentativa de ilustrar a natureza da sua experiência na metrópole norte-americana: o espaço percebido não como lugar, mas como, precisamente, “espaço puro,” que seria capaz de espantar até um outro “espaço puro,” um triângulo... Mas essa não foi a única vez que Sartre serviu-se da metáfora do triângulo quando desejou escrever sobre o espaço. No **O ser e o nada** o espaço, definido como “multiplicidade de relações recíprocas” (SARTRE, 1997, p. 389), só pode ser constituído pelas ciências, posto que essa reciprocidade é uma abstração. Para ilustrar essa asserção, o filósofo francês comenta que, desenhando-se um triângulo no quadro negro, o estudo das suas propriedades somente se daria se forem transcendidas as suas características físicas: a sua imperfeição como desenho e a espessura dos traços que o constituem como figura. O filósofo francês alude, ainda, ao espaço como um bem regrado sistema de relações: em cima, abaixo, à direita, à esquerda etc., e há uma relação necessária do homem com os objetos no mundo. E esse espaço é, não nos esqueçamos, o próprio espaço hodológico:<sup>16</sup> “O espaço real do mundo é o espaço que Lewin denomina ‘hodológico’” (SARTRE, 1997, p. 391). As retas ruas nova-iorquinas não são caminhos hodológicos, seriam *a-hodos*, caminhos anônimos sem “precisão afetiva” (SARTRE, 2002, p. 37).<sup>17</sup> A experiência desse triângulo deambulatório pelas ruas de Manhattan – assim como a experiência do “triângulo sem consciência” desenhado no quadro negro – é uma espécie de passeio pelas coordenadas cartesianas. Há uma localização precisa, mas esta não possui valores, posto que uma dada localização, se é diferente de todas as outras, não é, todavia, melhor que nenhuma. Em Nova York, para Sartre, tudo existe – inclusive triângulos dotados de consciência –, sem, contudo, possuir valor.

## Últimas considerações

Neste artigo não tivemos a intenção de esgotar o espaço no pensamento de Sartre, o que, aliás, seria impossível no âmbito de um artigo. Intentamos mostrar como, por vezes, a sua concepção de espaço não tinha relação com as suas fontes filosóficas mais usuais no período aqui aludido, mas que era, de alguma maneira, tributária da psicologia da *Gestalt*. Isso repercutiu nas narrativas viáticas que ele publicou em 1945, e que tinham como tema as cidades norte-americanas. O espaço pode ser objeto de estudo de várias disciplinas e ciências: urbanismo, arquitetura,

geografia, estudos literários, matemática e, como vimos, psicologia e filosofia. A esse título, poder-se-ia afirmar o heteróclito e a diversidade que essa pequena palavra subsume: não há espaço, nunca houve espaço, só há espaços. Nesse caso, como em muitos outros fenômenos linguísticos, só há verdade – se verdade há – no uso do plural. A observar ainda que, se usamos o termo “lugar” ou “arredores”, em vez de “espaço”, como fez Sartre, tudo se transfigura: coordenadas abstratas se tornam ruas e casas, épuras se tornam mesas, estantes, cadeiras... É, então, fato claro que o espaço é diferente conforme a disciplina que o estude e o conforme, o espaço do urbanista, do arquiteto, do geógrafo, do filósofo etc.

Tentamos demonstrar que a importância de Sartre não se resumia à fenomenologia, nem ao marxismo, nem à sua atuação política no pós-guerra, posto que a questão do espaço tinha certo peso na sua obra. Ora, não poderia ser diferente se pensarmos na extensão da sua obra e, sobretudo, se pensarmos que ele não se restringiu à filosofia – esta já bastante diversa: psicologia, fenomenologia, marxismo –, tendo escrito, ainda, contos, novelas, romances, peças de teatro, textos epistolares, narrativas de viagem e manifestos políticos. O que queremos ao salientar a vastidão e diversidade dessa obra é afirmar que na literatura – embora devamos reconhecer que a questão não se apresenta dessa mesma maneira na filosofia – o conceito do espaço está permanentemente em questão, posto que, nessa disciplina, todo o tempo narram-se espaços descritos e representados: cômodos, casas, ruas, cidades; ou, como preferiria o nosso autor, “lugares” e “arredores.”

Por outro lado, não apenas Hegel, Husserl e Heidegger foram os alemães com quem Sartre dialogava em *O ser e o nada*, há os fundadores da *Gestalt* e um dos seus alunos, Kurt Lewin. Omitir essa questão é omitir o inelutável fato de que, antes de se dedicar à fenomenologia e ao marxismo, Sartre estudou psicologia, e que alguns de seus livros que antecederam o seu tratado filosófico mais importante foram estudos sobre psicologia: o aqui já citado *Esboço para uma teoria das emoções*, além de *A imaginação* e *O imaginário*. Este último, aliás, seria a tese de doutorado que Sartre jamais apresentou, ou, como dizemos entre nós, “depositou”, posto que antes do “depósito” ele já a havia publicado.

Ainda por outro lado, há a questão de que se trata de um filósofo para quem o espaço mais natural não era a natureza, mas justamente a cidade. Sartre era um admirador de cidades. Os chamados “acidentes naturais” o deixavam indiferente. Paris, Roma, Veneza, as suas cidades de predileção, certamente não eram “naturais”, uma vez que eram construções do espaço nas quais havia, em cada esquina, em cada lado, figuras, fundo e a mão do homem.

## Referências

BEHRENS, Roy R. Art, design and the Gestalt theorie. In: **Leonardo**, Massachusetts, v. 31, n. 4, p. 229-303, 1998.

BESSE, Jean-Marc. Quatre notes conjointes sur l'introduction de l'hodologie dans la pensée contemporaine. **Les carnets du paysage**, Paris, n. 11, out. 2004.

- KÖHLER, Wolfgang. **Psicologia da Gestalt**. Tradução David Jardim. Belo Horizonte: Itatiaia, 1968.
- LIMA, Adson Cristiano Bozzi Ramatis. A relação entre a arquitetura e a literatura a partir da crítica, da história e da teoria. In: **Arquiteturarevista**, v. 4, n. 2, p. 8-16, jul./dez. 2008.
- LIMA, Adson Cristiano Bozzi Ramatis. Sartre na América ou memórias de um 'bourgeois épaté'. In: **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 13, 2006. p. 15-29.
- LIMA, Adson Cristiano Bozzi Ramatis. *Imago Mundi*: a escritura do mundo - as cidades norte-americanas sob o olhar de Jean-Paul Sartre. In: **Risco**, Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, n. 7, p. 80-92, 2008.
- LIMA, Adson Cristiano Bozzi Ramatis. Uma questão de método: o uso de documentos literários no estudo do imaginário urbano. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** CD Rom. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG; Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável; Instituto de Estudos do Desenvolvimento Sustentável, 2008.
- LIMA, Adson Cristiano Bozzi Ramatis. O fascínio do Novo Mundo: Ferdinand Céline, Le Corbusier e os arranha-céus de Nova York. **Arquitextos**, São Paulo, n. 109, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp514.asp>>. Acesso em: 10 abr. 2009.
- MATHY, Jean-Philippe. L'américanisme est-il un humanisme? Sartre aux États-Unis (1945-46). In: **The French Review**, v. 62, n. 3, p. 456-466, Feb. 1989.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes**. Paris: Folio, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SARTRE, Jean-Paul. **Villes d'Amérique**: New York, ville coloniale - Venise, de ma fenêtre. Paris: Editions du Patrimoine, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. **Situations III**. Paris: Gallimard, 2003.
- SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- SARTRE, Jean-Paul. **L'être et le néant**. Paris: Gallimard, 2008.

**Endereço para correspondência:**

Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima  
Universidade Estadual de Maringá, Bloco 32  
Av. Colombo, 5.790 - Zona 7  
87020-900 - Maringá - PR  
a.bozzi@uol.com.br

